

Vida Religiosa Consagrada: sentinela de esperança em tempos de travessia

Cesar Kuzma – PUCPR

1. Aproximações...

- ✓ Primeira aproximação: (slide) eu preciso tirar as sandálias dos pés porque a terra que eu estou pisando é uma terra sagrada. E aqui eu quero colocar o meu respeito e a minha admiração.
 1. 70 anos de caminhada da CRB: há pessoas aqui que foram e que são minhas referências, em nível teológico e pastoral, também de vida.
 2. A contribuição da CRB e das congregações e institutos para a vida da Igreja do Brasil, bem como a grande contribuição para o desenvolvimento da nossa sociedade, em especial, a atenção aos mais necessitados, vulnerabilizados e empobrecidos.
 3. Como eu já disse em um livro sobre a Vida Consagrada, organizado por Frei Luiz Carlos Susin, por ocasião do ano da Vida Consagrada: “é justo dizer que todos nós fomos marcados pela Vida Consagrada e por seus carismas de alguma forma. Em algum momento eles se tornaram próximos de nossas vidas, seja na infância, na comunidade, nas inúmeras escolas, nos projetos sociais e em caminhos de espiritualidade. Costumo dizer que os diversos carismas são o florear sempre novo e diferente que nos absorve e nos encanta; um colorido que enriquece e dá forma a tudo o que nos rodeia na fé, sobretudo, porque muitos carismas estão ligados a uma opção radical por Cristo e pelo Reino, geram seguimento e enfrentamento pela causa que seguem, fazendo das opções do Cristo as suas reais opções, assumindo até o fim as mesmas consequências, e, muitas vezes, uma consequência de cruz. Esse sentimento de entrega, de luta, de amor e paixão é o que encanta na Vida Consagrada e faz daqueles e daquelas que seguem este caminho verdadeiros discípulos missionários”.
- ✓ Segunda aproximação: (slide) eu, como leigo, teólogo, pastoralista, casado e pai de dois filhos, que venho até esta Assembleia na ousadia, mas também na humildade de dizer alguma coisa a vocês. É como leigo que eu esto aqui, e é

como leigo que compartilho o meu olhar, a minha vocação e a minha esperança para com a Vida Consagrada.

1. O que eu vejo? O que eu trago? O que podemos construir? O que juntos podemos esperar?
2. Nestes tempos de travessia, travessia da história humana e da Igreja, um momento de muitos desafios e de um tempo que nos pede coragem para caminharmos juntos, algo que devemos aprender. Isso é sinodalidade, este novo tempo que a Igreja nos convida e que é um tempo do Espírito.
3. Neste tempo, eu digo que posso esperar porque espero com vocês, e vocês podem esperar porque esperam comigo e com outros/outras, e juntos podemos esperar, e juntos podemos caminhar aos horizontes de nossa esperança, sendo para os outros/outras sentinelas, testemunhos, ou, como gosto de dizer, sendo “suporte de esperança” para aqueles e aquelas que já não podem mais esperar. Aí está o serviço missionário que envolve todo e cada carisma e que nos convida ao esvaziamento, a uma abertura, a uma saída.

✓ Terceira aproximação: **(slide)** de sermos (juntos) peregrinos da esperança.

1. É o que nos leva a olhar com alegria e porque não dizer, com esperança, o conteúdo do que nos foi proposto por Francisco neste ano jubilar, onde somos chamados a ser peregrinos da esperança, uma esperança que não nos engana, que não nos decepciona, como diz o título da bula papal para o Jubileu de 2025, extraído da Carta de Paulo aos Romanos (5,5): *spes non confundit*, a esperança não engana!
2. Já na primeira parte da bula papal, Francisco nos diz:

“Todos esperam. No coração de cada pessoa, encerra-se a esperança como desejo e expectativa do bem, apesar de não saber o que trará consigo o amanhã. Porém, esta imprevisibilidade do futuro faz surgir sentimentos por vezes contrapostos: desde a confiança ao medo, da serenidade ao desânimo, da certeza à dúvida. Muitas vezes encontramos pessoas desanimadas que olham com ceticismo e pessimismo para o futuro, como se nada lhes pudesse proporcionar felicidade. Que o Jubileu seja, para todos, ocasião de reanimar a esperança!” (FRANCISCO, 2024, n. 1a).

3. Mas, por que esta esperança não engana? **(comentar...)**. Refletindo com a sequência do texto da Carta aos Romanos, Francisco nos diz que “Com efeito, a esperança nasce do amor e funda-se no amor que brota do Coração de Jesus trespassado na cruz” (FRANCISCO, 2024, n. 3a).

4. Ser peregrino da esperança é ser capaz de levar esperança em lugares onde ela não está, onde as pessoas não têm mais forças para esperar. Ser peregrino da esperança é educar e ensinar a esperar, mesmo e apesar de tudo: educar para a esperança. E este é um caminho que temos que construir juntos.

(slide)

2. Horizontes teológicos da esperança

(uma fala breve sobre a compreensão “comum” de esperança” e a novidade que nós estamos buscando construir com a nossa reflexão aqui)

(slide)

A esperança que aqui refletimos e que nos orienta nesta dinâmica responsável não é um sonho, uma ilusão, ou simplesmente um sentimento, ela é um pensar para frente, uma projeção de algo novo, uma força que nasce de momentos difíceis e que nos faz crer que outra realidade é possível. A esperança não aliena, ela alimenta e abre caminhos. Ela não nos fecha à realidade, ao contrário, ela cresce da realidade, da realidade sofrida, ali ela é interpelada por esta situação, que dá a ela a sua força e a sua imaginação. Uma imaginação que ousa pensar e criar algo novo, algo diferente, com vida, e vida nova.

(Falar dos desafios da esperança – o que vemos, o que ouvimos, o que sentimos – de longe e de perto – e nestes espaços perceber a esperança, o encontro com ela, ou a falta dela)

Tendo por base o tema desta Assembleia que convida a Vida Religiosa Consagrada a ser “sentinela da esperança”, também por aquilo que estamos refletindo durante este ano Jubilar em muitos dos nossos espaços, pastorais e comunidades, perguntamos: hoje, há ainda espaço para a esperança? **(pausa e reflexão)**. E de que maneira e com que rosto visualizamos esta esperança? O conteúdo e nossa noção de esperança condicionarão a forma de como esperamos e qual será a nossa atitude perante ela. Isso em nível de sociedade, porque somos humanos que esperam (diz a bula papal), e em nível de fé e de vida comunitária, pois a esperança é uma dinâmica fundamental da experiência cristã. Então, vale a pena perguntar novamente: hoje, há ainda espaço para a esperança?... Esta pergunta, em tom genérico e aberto, traz consigo outros questionamentos que tendem a nos ajudar na problematização de nossa proposta, a fim de destacar na prática da esperança uma atitude de responsabilidade, entendida por nós como parte inerente do modo como se espera; algo próprio da fé que a garante e que a fundamenta. Tratamos aqui, ao falar de esperança, especificamente, da esperança cristã, a qual

tem uma base e desdobramento no evento Cristo, no encontro com o ressuscitado e crucificado. Cristo é a nossa esperança. **(slide)** Porém, o que isso significa? Qual é o impacto desta realidade em nível de fé? O que ela nos faz ver e o que nos antecipa na fé? [...]. Entra aqui esta relação e tensão entre o Cristo ressuscitado-crucificado que é o fundamento, conteúdo e horizonte daquilo que esperamos. Assim, a projeção que se tem do ato de esperar é que vai definir o seu espaço e lugar, bem como a amplitude daquilo que compreendemos por esperança, naquilo que a antecede e no que se tornarão depois as suas implicações. Sim, a esperança, ter esperança traz consequências e exigências.

Se nós aqui, como um exercício de discernimento, não nos detivermos na especificidade desta esperança, da esperança cristã, a razão que a fundamenta e o destino que ela busca [espera] esvazia-se de conteúdo. Faz-se necessário, pois, perguntar sobre o lugar da esperança, se ela encontra espaço na atual sociedade, na vida da Igreja, nos nossos carismas e congregações, e de que maneira o ato de esperar formaliza uma expectativa nova para o ser humano de hoje, seja em âmbito de religiosidade seja em âmbito de humanidade/sociedade, onde ele está inserido e responde contextualmente a sua fé. Vale também perguntar sobre o conteúdo de nossa esperança, em que ela se fundamenta e se, de fato, ela está ancorada num mistério maior.

O texto da Bula do Jubileu, insiste que devemos estar ancorados na esperança:

“Assim deve ser; precisamos de transbordar de esperança (cf. Rm 15, 13) para testemunhar de modo credível e atraente a fé e o amor que trazemos no coração; para que a fé seja jubilosa, a caridade entusiasta; para que cada um seja capaz de oferecer ao menos um sorriso, um gesto de amizade, um olhar fraterno, uma escuta sincera, um serviço gratuito, sabendo que, no Espírito de Jesus, isso pode tornar-se uma semente fecunda de esperança para quem o recebe” (Francisco, 2024, n. 18).

Mas o texto ainda insiste, “qual é o fundamento da nossa esperança?” (n. 18). Por isso é importante a reflexão sobre o lugar desta esperança, pois ela não é alienada, mas se faz real e concreta no percurso da história. Assim, o transbordar, ou melhor dizendo, o viver desta esperança vai fazer com que a fé seja jubilosa (de alegria) e a caridade entusiasta (disposta a construir e a agir).

O lugar da esperança vai determinar o tempo desta espera e o modo como ela se dá, mas também a tensão que ela suporta, já que o fundamento da esperança é escatológico, isto é, marcado por uma antecipação do futuro que se faz sentir no presente da história, nos conflitos e contradições, nas alegrias e nas lutas diárias, em tudo aquilo que nos dá razão de esperar, na promessa de algo novo. Esta esperança é ativa e nos mobiliza em ação, em missão, em saída, no anúncio que carrega em seu conteúdo.

“A esperança cristã não é uma esperança passiva, mas ativa; é uma esperança que atua na história, que mobiliza o contexto em que se encontra e procura fazer com que o Reino de Deus já aconteça em seu meio. Fortalece-se pela promessa, mas inquieta-se por uma realização. Aspira para o ainda não prometido, mas coloca-se em serviço, em missão, já neste mundo. Essa ação que vem de Deus em nosso favor, que por graça nos antecipa o seu futuro, o futuro de seu Reino, provoca-nos a um impulso novo e transformador. Deus vem até nós com o seu futuro e caminhamos em sua direção como resposta de fé, vivendo em esperança e agindo no amor. Esse futuro de Deus que vem em nosso favor, quando acolhido na fé, compromete-nos em missão, e no anúncio dessa esperança” (KUZMA, 2014, p. 75).

A esperança cristã, podemos dizer, é concebida e percebida no íntimo da realidade humana, no concreto da história, mas ela a transcende. A diferença é que a esperança cristã também se faz contemplativa, ela se abre ao novo, mesmo no risco de ser vulnerável e frágil em sua espera, devido a novidade e a imprevisibilidade. Ela é operativa, da mesma forma como a esperança humana, mas esta operação é impulsionada por um dom maior, numa virtude que se abre e reconhece o mais íntimo da história. **Para nós, cristãos, esta esperança tem um rosto, que é Cristo, e ela tem um caminho, que é o Reino. Esta esperança tem consequência, que é a cruz; mas ela tem um horizonte, que é a ressurreição. (slide)** Este Cristo, porém, não é um rosto abstrato, mas é um rosto concreto e que se percebe na face dos muitos rostos que nos chegam, muitos deles feridos e machucados. Nestes rostos é que se percebe o concreto rosto da esperança. **(eis uma pergunta que vale a pena de se fazer: qual é o rosto da nossa esperança?)** Este caminho do Reino que somos convidados a seguir em esperança, como peregrinos, como sentinelas que atenciam e orientam, não se traduz num discurso, nem mesmo em práticas religiosas, mas se faz operante em situações concretas da sociedade, no impulso de um mistério maior, em atuações coletivas, em movimento, oração, ação e prática pastoral. Perguntamos, então: qual é a esperança que mobiliza, que impulsiona, que operacionaliza os nossos carismas? E mais, com que rosto de esperança nós nos encontramos?

Por esta razão, faz-se relevante trazer para esta nossa reflexão algumas perguntas e questionamentos que nos possibilitem discutir sobre o lugar da esperança hoje e se ela ainda encontra espaço na atualidade, diante de todos os desafios que temos e de todas as urgências que nos chegam a todo tempo. **(falar sobre o Jubileu e a importância do Jubileu refletir sobre a temática da esperança)**

Observamos aqui o conteúdo da esperança cristã (o Cristo e a plenitude de seu Reino), mas alimentado por aquilo que nos é oferecido pela esperança humana, como uma etapa necessária, que torna visível a realização de toda esperança.

Perguntamos: é possível esperar algo novo? É possível esperar algo novo em nível de sociedade e de realização humana, mas também em âmbito de fé? Como é esperar algo novo em espaço de vida consagrada, na vivência dos nossos carismas, na prática dos nossos serviços, no compartilhar de nossas experiências e projetos de missão? Como é viver esta esperança e dela ser sentinela em tempo de sinodalidade, que é exigente e que chama todos e todas à responsabilidade? Não exige a esperança uma ousadia? Não exige a esperança um desprendimento? E como se dá a nossa posição diante daquilo que se espera (como objeto da espera), qual é a nossa atitude? O que teríamos nós a oferecer, em decorrência do que estamos esperando e já experimentamos na fé, uma fé que na sua essência é esperança? E mais, é possível – ainda – continuar a esperar, a ter esperança, mesmo contra toda esperança?... Como entender, então, a esperança e seu contexto?

Desafios da esperança (comentar)

Perguntas que surgem dos desafios e que exigem um olhar novo e aberto a estas realidades. A busca por respostas nos confronta com a realidade da fé, de um Cristo que aponta o novo, mas que é percebido no traços de seu caminho, de sua vida e de sua opção.

A bula papal vai dizer, conforme já vimos, que “a esperança nasce do amor e funda-se no amor que brota do coração de Jesus trespassado na cruz” (n. 3a). Este é o caminho e este é o encontro. O ressuscitado-crucificado como fundamento de toda a esperança, pela sua vida, por suas opções, por seu amor, por sua entrega, pela sua confiança, abertura e **modo de esperar**. Sim, esperamos em um Deus que também espera, e no esperar, tudo se faz possível, porque tudo se faz novo.

(slide)

3. Vida religiosa consagrada como sentinela de esperança

(Slide)

- ✓ A radicalidade do carisma – as fontes e a atualização, atenção aos sinais dos tempos e abertura ao Espírito.
- ✓ Uma pergunta inquietante de sempre: a que e a quem servimos com o nosso carisma?
- ✓ A liberdade para o caminho sinodal – contribuições para o aspecto comunitário e na dimensão social da sinodalidade.
- ✓ O profetismo, algo inerente à vocação cristã e característico da Vida Consagrada.

- ✓ Expressões evangélicas: Quem é o maior? Quem é o meu próximo?
- ✓ Dimensões da esperança – que rosto de esperança buscamos e queremos ter e ser.
- ✓ A dimensão da vulnerabilidade – essencial para a dimensão cristã. O ser frágil, na resistência e na insistência – eis o sentido de ser sentinela e do profetismo que carregamos no modo de ser cristão, na radicalidade do nosso seguimento.

Terminamos, trazendo a memória de Francisco que ao final da bula do Jubileu nos disse: “Deixemo-nos, desde já, atrair pela esperança” (Francisco, 2024, n. 25). Que esta atração traga compromissos e que saibamos acolher as suas implicações.